

A morte de um mendigo

Autora: Renata Soltanovitch
@renatasoltanovitch

A morte de um mendigo

Tudo se iniciou com um grave acidente de carro. Era madrugada de sexta-feira. Duda voltava de uma balada com seus amigos Roberto, Patrícia e Renato. Todos embriagados.

Roberto, se dizendo seguro na direção, volta dirigindo em uma tragédia sem fim, atropela cinco pessoas que estavam na calçada, matando uma delas ao tentar fazer uma curva próxima à casa de Duda.

Patrícia, que estava no banco do passageiro e sem cinto de segurança, também morre. Seu corpo foi arremessado para fora do carro, indo parar na calçada, bem ao lado das pessoas que foram atropeladas.

Das cinco pessoas atropeladas, quatro eram mendigos e um deles também acabou também falecendo.

Entre os atropelados, havia um jovem universitário de medicina que tinha como hábito, todas as noites, levar sopas aos mendigos e curar suas feridas, muitas vezes por falta de banho ou por agressões sofridas nas ruas.

Duda conhecia o jovem rapaz. Rodrigo cursava a mesma universidade que ela, mas em turmas diferentes.

Após a chegada do SAMU e longa espera do carro do IML, sua amiga Patrícia foi levada junto com o mendigo morto no mesmo veículo.

Seus corpos inertes, já sem vida, ficaram lado a lado dentro do veículo e, mesmo com todo o dinheiro que os pais de Patrícia possuíam, não impediram sua entrada no IML. A perícia foi feita pelo mesmo legista que fez a necropsia do mendigo.

Patrícia era uma moça literalmente arrogante, pretensiosa, metida e desprezava todos aqueles que não estavam na mesma condição social que a sua.

Seu objetivo – não sonho – mas puro e simples objetivo – era ser dermatologista de milionários. No entanto, a certa altura da faculdade descobriu a necessidade de estagiar em hospitais públicos, decidindo suspender a matrícula e viajar pelo mundo, iniciando pela Europa.

Depois de mais de um ano no exterior, Patrícia festeja a vida em uma balada, morre e é levada ao IML, lado a lado com um mendigo atropelado pelo seu amigo. Esta é a ironia da vida.

Depois de morto, seu dinheiro não vale mais nada. Não importa em que cemitério, mas será enterrado de forma profunda, evitando contato com os vivos.

Exceto seus pais e alguns amigos, Patrícia nunca mais será lembrada e a próxima geração nem mesmo saberá de sua existência na Terra.

Certamente será mais um corpo ocupando o lugar no cemitério e jamais será visitado por desconhecidos, ao menos que faça de sua sepultura uma obra de arte, cuja beleza arquitetônica poderá atrair estranhos e, quem sabe, algum dia, um destes visitantes leia seu nome e tenha curiosidade de saber a sua história.

Patrícia apenas será como o tal mendigo, estatística de morte de acidente de trânsito e figura processual de vítima em um inquérito.

Duda foi dispensada pelo delegado responsável pelo inquérito de atropelamento para liberar o corpo da amiga da Patrícia no IML, pois seus pais não tinham a menor condição de fazê-lo, já que com o acontecido, foram medicados com calmantes.

A morte é certa nesta vida, mas inesperada, assustadora, revoltante. Para os que ficam, a dor. Para os que vão, o inconformismo.

Já no IML, Duda é chamada pelo legista para fornecer alguns dados e é questionada sobre o mendigo. Ela apenas diz que ele diariamente era visto naquela região ou próximo a faculdade de medicina, mas não o conhecia.

Quem poderia saber dele era o tal Rodrigo, que foi atropelado e estava internado, em estado grave, no hospital municipal. Certamente ele poderia ter maiores informações sobre o tal mendigo morto.

O único problema é que Rodrigo estava em coma induzido e só não morreu porque, praticante de capoeira, era resistente com a vida, e sabia que capoeirista que cai, se levanta, como já dizia a música de Vinicius de Moraes¹.

Não havia informação alguma sobre o mendigo e o IML, lotado de corpos e por não conseguir identificá-lo, acabou liberado para ser enterrado como indigente.

Patrícia, por sua vez, foi enterrada com toda a pompa que o dinheiro pode pagar. Flores e o melhor caixão. Como seu rosto estava todo machucado, seus pais contrataram o melhor maquiador para transformá-la em uma bela mulher novamente, pois não admitiam velar o corpo com caixão lacrado².

Seu enterro foi no mesmo dia que o corpo foi liberado, maquiado e velado. Exceto quando os corpos são enterrados como faziam os egípcios antigos, com suas múmias, o corpo entra em estado de decomposição rapidamente e não importa que se tenha usado perfumes e cremes caros, durante toda a vida.

O corpo morto exala um cheiro insuportável, sem se importar com classe social ou intelectualidade do sujeito. As bactérias vão dominar seu corpo independentemente do seu papel na sociedade. Rico, pobre, arrogante, religioso, celebridade,

¹ “Capoeira que é bom não cai e se um dia ele cai, cai bem. Capoeira me mandou dizer que já chegou, chegou para ficar. Berimbau em convidou, vai ter briga de amor, tristeza camará.”

² Vale a pena ver o filme japonês “A partida”, onde um jovem rapaz, funcionário de uma funerária, limpa e maquia os corpos.

poderoso. O processo da morte é igual para todos e a cremação é só uma forma de acelerar este duro e penoso processo de transformar do corpo em pó, em cinzas.

Passado o luto pela morte da amiga, foi Duda novamente intimada a depor na Delegacia e explicar com que estado saiu da boate junto aos amigos, principalmente Roberto, causador do acidente.

Isto porque o carro estava em nome de Duda e os reflexos jurídicos pelo acidente também se estenderiam a ela, na qualidade de proprietária.

Roberto, no dia do acidente, foi preso em flagrante pelo Delegado de plantão no dia dos fatos. No entanto, sendo filho de um homem poderoso e rico, pagou a fiança arbitrada pelo delegado, sem qualquer problema, embora de alto valor e foi para casa repousar.

Duda teria o problema de ser proprietária do veículo e não sabe o porquê de ter sido tão inconsequente de beber a ponto de autorizar Roberto a dirigir. Deveria ter ido para a balada de táxi, como recomendou sua mãe.

Exceto com relação a Rodrigo que estava no hospital e aquela altura fora de perigo, Duda poderia ser processada também pelos mendigos, embora todos tivessem sofrido ferimentos leves e só um morrido e enterrado como indigente.

Enquanto o delegado não conseguia tomar o depoimento de Rodrigo que, por recomendações médicas, teria que descansar mais alguns dias em sua bela casa, decidiu ouvir os outros mendigos em depoimento.

Foi então que começou a conhecer a historia do mendigo morto.

Lituano, como era chamado pelos demais mendigos, era um homem forte e de boas feições, para quem vivera na rua. Com hábitos de higiene fora do normal, na grande maioria das vezes fazia seu repouso noturno em um albergue da Prefeitura, onde fazia sua ultima refeição do dia, suas necessidades fisiológicas, tomava seu banho e fazia sua barba.

Em seus pertences, foram encontradas escova e pasta de dentes, fio dental e desodorante. O restante do teor da sua sacola ficou com um dos mendigos feridos, porém não havia nenhum documento de identificação.

José, um dos mendigos mais centrados do grupo, explicou que Lituano falava engraçado, mas era o único que não bebia nada alcoólico, exceto quando as raras vezes que decidia dormir na rua.

Embora fosse um homem livre como todo mendigo é, na grande maioria das vezes se limitava somente ao bairro onde foi morto. Seu hábito era a esquina onde ocorreu o atropelamento e uns trinta quarteirões para frente, onde ficava a faculdade de medicina.

De tom educado, como relatara o mendigo José, Lituano ainda parecia ser muito culto para quem vivia nas ruas. Por incrível que parecesse, tinha ainda o hábito de leitura, como se estivesse à espera de alguém.

Os dias foram passando e outros mendigos foram sendo ouvidos e de uma unanimidade, foram descrevendo Lituano como um homem racional, que falava outros idiomas, viajado e com senso de razoabilidade.

As descrições sobre Lituano foram deixando o delegado curioso com sua história e aguardava ansioso para ouvir Rodrigo, já então liberado pelos médicos para depor.

Rodrigo chegou na hora marcada pelo delegado, que o fez ainda esperar por quase uma hora, pois estava encerrando um flagrante, onde uma jovem, em uma tentativa de assalto, domina o ladrão que portava um simulacro, e o prende.

Sentado confortavelmente em uma cadeira, Rodrigo passa a dar o seu depoimento sobre como ocorreram os fatos e descreve sobre os mendigos que ajudava, explicando detalhadamente o que sabia sobre Lituano.

Lituano era um mendigo culto – ressaltava Rodrigo em seu depoimento – algo que ele nunca havia visto, embora tanto ele como sua família tinham hábito de sempre ajudar mendigos, seja entregando roupas e comidas, e, no caso dele, como estudante de medicina, ajudando curar algumas de suas feridas.

Esclareceu que Lituano falava outros idiomas, pois já havia conversado com ele em inglês e em francês. Descobriu posteriormente que também falava alemão, e muito bem.

Rodrigo acreditava que Lituano havia sofrido no passado algum trauma tão profundo que o fez abandonar tudo e se tornar mendigo, livre de contas, compromissos, moralidade, obediência e respeito. Simplesmente livre.

Ele dizia que era um bem sem passado e que vivia um dia de cada vez. Sem ontem e sem amanhã. Simplesmente com o presente, como o agora. Era um rosto sem futuro. Mais um entre milhares. Um homem sem sonhos e sem esperança.

Lituano não era, de fato, um mendigo. Ele estava um mendigo. Um homem com dor e descrente da vida.

Quando o inquérito estava concluído e pronto para ser enviado para o Fórum, aparece uma jovem senhora em busca do delegado para informações sobre o tal mendigo, incluindo seu nome e sobrenome, seu endereço e sua verdadeira história de vida.

Tratava-se de Josefa, uma amiga de Lituano.

Josefa atualmente trabalhava em casa de família, como cozinheira. Teve uma segunda chance na vida e aprendeu com seus patrões repassar isso adiante. Levou ao delegado em sua visita, uma caixinha de brigadeiros que ela mesma preparara.

O delegado atendeu Josefa muito bem, pois segundos antes, recebera um telefonema do Desembargador Mário, dono da casa onde ela trabalhava.

Não tinha como não conhecer o Desembargador Mário. Dispensava apresentações, já que era um homem decente, inteligente, trabalhador, dedicado e muito humano. Proferia palestras sobre acidentes de veículos e suas conseqüências. Suas decisões, sempre bem fundamentadas, era uma aula de direito.

Mestre de capoeira, o Desembargador conhecia a filosofia da ajuda ao próximo, do dever de cuidado e principalmente, o olhar sempre para frente, lutar pela vida e não deixar se abater.

O Desembargador conheceu D. Josefa na rua. Ela, como exímia cozinheira e decepcionada com a vida e com sua família, decidiu trocar tudo pelas ruas. Virou andarilha, mas “como rei, nunca perde sua majestade”, ela cozinhava para os mendigos da rua, no abrigo que dormia. Foi assim que conheceu Lituano.

O Desembargador que sempre ajudava o tal abrigo, levando muitas vezes mantimentos, roupa e palavras de conforto, um dia experimentou a comida feita por D Josefa ao jantar com os mendigos, e então, decidiu investir nela. Como resultado, sua residência virou ponto de encontro dos amigos da boa mesa.

D. Josefa largou o abrigo, mas sempre se lembrava de Lituano. Quando ficou sabendo de sua morte, contou para o Desembargador que se sentiu na obrigação de ajudar e desvendar todo o imbróglio da vida e da morte deste mendigo.

Bastou uma ligação do Desembargador para o delegado, para que d. Josefa fosse atendida com direito até a um café, embora tenha sido simpática o suficiente para levar para o delegado os brigadeiros caseiros que fizera naquele mesmo dia, pela manhã.

Iniciou então sua narrativa de quem era Lituano.

Lituano era fabricante de cachaça caseira.

Homem culto vindo do estrangeiro, Lituano ganhou muito dinheiro e fez um império. Casou com uma jovem e belíssima mulher e teve uma filha, com aproximadamente 20 anos de idade.

Depois da separação, sua filha que se chamava Maria Eduarda, nunca mais quis vê-lo. Ela tinha apenas cinco anos quando da separação, e obviamente esta rejeição decorria do comportamento da mãe. A chamada alienação parental.

Com o tempo, veio a descobrir que não era a criança que não queria vê-lo, mas sim, coisas que a mãe – sua ex-mulher, belíssima, diga-se de passagem – incluía na cabeça da criança.

Lituano não sabia, mas esta alienação parental lhe custou a ausência de sua filha. Com o passar dos anos, tentou novamente se aproximar da menina, sem sucesso.

Ingressou com medidas judiciais, que embora todas a seus favor, não conseguiu se fazer cumprir.

Lituano ia pessoalmente ao Fórum, conversava com o escrevente, com o Diretor do cartório onde tramitava seu processo, e até com o juiz conseguia falar.

No entanto, sem qualquer preocupação com as ordens dadas, sua ex-mulher já havia prejudicado a mente de sua filha, que não mais queria vê-lo.

Sua decepção foi imensa. Decidiu então vender tudo, programar o pagamento mensal da pensão alimentícia de sua filha e de sua ex-mulher com a gerente do banco, e decidiu ser andarilho.

Vagou pelo mundo, conheceu novas culturas, mas o vazio em seu peito por ausência de sua filha modificou toda a sua história de vida. Não havia Poder Judiciário que constataste esta dor, este sofrer, decorrente deste episódio.

Decidiu então acompanhar o crescimento de sua filha à distância. Passou a morar na rua e, vestido de mendigo, acompanhava diariamente sua filha, seja indo à escola, ao balé, no inglês.

Na medida em que ela crescia, acompanhava no cursinho, no inglês, na academia de ginástica.

Sua filha, Maria Eduarda, acostumada com ele como mendigo, entregava a ele, diariamente, toda manhã, café com leite e pão com manteiga, afirmando, ainda, que fazia pessoalmente para ele aquela refeição.

Lituano só dormia no abrigo, quando sabia que Maria Eduarda não sairia à noite.

E era fácil saber tudo isto, pois a empregada da casa de Maria Eduarda, que passeava com o cachorro diariamente, contava tudo para Lituano, mesmo acreditando que ele era apenas um mendigo e sem fazer idéia de quem, de fato, ele era.

O fato era que Lituano não tinha mais força para brigar na Justiça com o objetivo de recuperar o amor de sua filha, que a mãe conseguiu descaracterizar, com medo de perder a boa vida com o valor da pensão alimentícia que recebia por conta de ter a guarda de sua filha.

Foram anos de processo, acompanhamento no Fórum, audiências, assistentes sociais, busca e apreensão da menina, visitas em Delegacias para a mãe cumprir a regulamentação de visitas. Um desgaste enorme que não teve a solução necessária.

Com a atual atitude de Lituano, ao menos via sua filha diariamente e ela o tratava muito bem, em que pese não saber quem ele era.

Depois de colher o depoimento de D. Josefa, o delegado decidiu então investigar melhor a identidade do mendigo, já que tinha sido enterrado como indigente.

Não teve dúvidas. Remeteu o inquérito para o Fórum com a requisição de exumação do corpo do mendigo, o que foi autorizado, de pronto, pelo Juiz da causa.

Enquanto a exumação do corpo estava sendo providenciada no cemitério, a pedido do delegado, o escrivão chefe foi intimar a tal Maria Eduarda, indicada pela D. Josefa – a filha do mendigo Lituano.

No dia indicado, Maria Eduarda compareceu na delegacia, acompanhada de Pedro – seu advogado.

Neste mesmo dia, por uma coincidência da vida, d. Josefa que havia se encontrado com o delegado e levava para ele brigadeiros caseiros, confirmou ser a tal Maria Eduarda a filha de Lituano, cuja foto, certidão de nascimento e uma série de documentos estava na sacola que ela havia entregue ao delegado.

Nesta sacola ainda havia a chave de um armário que Lituano alugava em um galpão, onde se encontrava diversos outros documentos, incluindo a cópia integral de todos os processos que envolvia sua filha. Eram mais de 100 (cem) volumes entre apensos, incidentes processuais, agravos de instrumentos e outros.

Também ali se encontravam mais de mil cartas que Lituano escrevera para sua filha e o correio devolvia por “recusado” pela mãe de Maria Eduarda.

Estavam todas ali, intactas, com o envelope lacrado, prontas para ser entregue pelo delegado à menina que emprestou o carro para o amigo bêbado que matou seu próprio pai.

Maria Eduarda – a Duda – era proprietária do veículo dirigido por Roberto, que matou Lituano (seu pai) e sua amiga Patrícia.

As cartas de Lituano para sua filha iniciam sempre com uma frase da música de Elias Regina³ “O oceano é uma gota diante do pranto meu”.

Certamente Maria Eduarda acabara de ficar rica com a morte do mendigo, em razão do enorme montante de dinheiro, seguro de vida e demais aplicações financeiras, deixadas a ela em testamento.

Duda acabara de saber sobre seu pai e não havia dinheiro no mundo que ocuparia o vazio deixado pela verdade e a alienação parental provocada por sua mãe.

Ficaria sob a responsabilidade de Pedro – o advogado – resolver todo o imbróglio jurídico, inclusive para que Duda não fosse responsabilizada pela morte de seu pai e pudesse ficar com a fortuna por ele deixada estranhamente em testamento, já que ela era a única herdeira legítima.

Pode ser que ele já estivesse prevendo como seria sua própria morte, por um bêbado das cachaças que ele mesmo produzira!!!

FIM !!!!

³ Letra da música: Madalena